Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis Estudantes Comportamento Sexual

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103218

PREVALÊNCIA DE INFECÇÕES CONGÊNITAS EM RECÉM-NASCIDOS PREMATUROS INTERNADOS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Fernanda Prohmann Villas Boas*,
Matheus Gomes Reis Costa, Raquel Moreira Borges, Camilla da Cruz Martins, Giovanna Oliveira Stopa, Tatiana de Oliveira Vieira, Graciete Oliveira Vieira, Heli Vieira Brandão

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santa, BA, Brasil

Introdução/Objetivos: As infecções congênitas são importantes fatores de risco para morbimortalidade principalmente em recém-nascidos (RN) pré-termo, as mais prevalentes se encontram no acrônimo TORCHS (Toxoplasmose, HIV e Hepatites, Rubéola, Citomegalovírus, Herpes e Sífilis).

Objetivo: Determinar a prevalência de infecções congênitas em prematuros de muito baixo peso internados em unidade de terapia intensiva neonatal.

Métodos: Estudo de corte transversal de um estudo não randomizado com 156 binômios mãe-filho atendidos em maternidade de município do interior da Bahia. O grupo intervenção foram 70 RNs, fizeram uso de colostro cru, pelo gotejamento de 4 gotas (0,2 ml) na mucosa orofaríngea direita e esquerda, totalizando 8 administrações a cada 24 horas, até o 7° dia de vida completo. O grupo controle foi composto por 86 RN, admitidos na unidade neonatal antes da implementação do protocolo de colostroterapia. A evolução destes RNs foi registrada em formulário até a alta hospitalar. Foram realizadas análises descritivas das frequências de infecções congênitas e variáveis de raça, idade, estado civil, moradia, trabalho, número de gestações, idade gestacional, tipo de parto e número de consultas pré-natal das mães, e sexo, peso ao nascer e escore apgar dos RNs. O software utilizado foi IBM SPSS. O projeto tem registro no CAAE: 93056218.0.0000.0053 e ReBEC: U1111-1222-0598.

Resultados: Dos 156 binômios mãe-filho, 41 (26,3%) mães apresentaram infecções durante o período gestacional e dentre elas, 11 (26,82%) RNs apresentaram infecção congênita do grupo TORCHS, sendo toxoplasmose 45,5% (n = 5), sífilis 27,27% (n = 3), zika vírus 9,09% (n = 1), co-infecção de sífilis/toxoplasmose 9,09% (n = 1), co-infecção toxoplasmose/citomegalovírus 9,09% (n = 1). As mães dos RNs com infecções congênitas, 90,9% (n = 10) eram da raça negra e > 18 anos, 54,5% (n = 6) exerciam trabalho não remunerado, 72,7% (n = 8) moravam em zona urbana, 63,6% (n = 7) eram solteiras, 36,4% (n = 4) primigestas, 63,6% (n = 7) realizaram < 6 consultas pré-natais, 72,7% (n = 8) tinham idade gestacional ≥ 28 semanas, 54,5% (n = 6) tiveram parto artificial; os RNs, 72,7% (n = 8) eram do sexo masculino, 81,8% (n = 9) tinham peso ao nascer ≥ 1000 gramas e todos presentaram escore de apgar > 5 no 5'.

Conclusão: As infecções tiveram alta prevalência em RNs pré-termo de baixo peso, com maior destaque para toxoplasmose e sífilis, doenças passíveis de prevenção e tratamento precoce.

Palavras-chave: Infecções Recém-nascido prematuro Prevalência

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103219

PREVALÊNCIA DE SÍFILIS E COINFECÇÃO COM HIV NA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO ACOMPANHADA NO AMBULATÓRIO MULTIDISCIPLINAR DE ATENÇÃO À SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO NO CENTRO ESTADUAL ESPECIALIZADO EM DIAGNÓSTICO, ASSISTÊNCIA E PESQUISA - BAHIA (CEDAP-BA)

Júlia Brito Vieira Thimmig[a,*],
Miralba Freire de Carvalho Ribeiro da Silva[a],
Patrícia Maria Almeida Silva[b], Ailton da Silva Santos[b],
Monaliza Cardozo Rebouças[b],
Luciana Mattos Barros Oliveira[b],
Leila Regina Amorim Araújo de Azevedo[b]

[a] *Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil;*
[b] *Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa (CEDAP), Salvador, BA, Brasil*

Introdução/Objetivo: Segundo o Ministério da Saúde, em 2021, foram registrados no Brasil mais de 167 mil novos casos de sífilis adquirida, e até junho de 2022, somaram-se mais 79.587 casos. Em 2018 foi relatado prevalência de sífilis de 26,9% em homens que fazem sexo com homens, valores 355 vezes maiores que os da população geral brasileira, com variação de 30 a 75% em mulheres transgênero, dependendo da região do país. É conhecida a dificuldade de acesso da população transgênero a serviços de saúde, que leva a escassez de dados deste recorte populacional e influi negativamente no planejamento de assistência e promoção da qualidade de vida. Este estudo objetiva contribuir para o conhecimento da saúde da população transgênero, provendo dados para a melhoria da assistência.

Métodos: Trata-se de um estudo original, descritivo e de corte transversal, com amostragem por conveniência, não probabilística. Os dados foram coletados a partir de questionários elaborados para um estudo de coorte em atenção à saúde das pessoas transgênero atendidas no CEDAP. A população inclui todos os homens e mulheres transexuais, travestis, gênero Queer e não binário cadastradas no CEDAP, maiores de 18 anos, em acompanhamento ambulatorial, que tenham assinado o termo de consentimento livre e esclarecido.

Resultados: Foram colhidos 108 questionários. A maioria dos participantes foram mulheres trans, heterossexuais, negras, que se relacionavam com homens cisgêneros. Dos pacientes testados para sífilis, 53,8% apresentaram teste rápido (treponêmico) reagente e 62,7% VDRL reagente, sendo esses, 100% mulheres trans. Cerca de 30% dos pacientes apresentaram ambos os testes treponêmico e VDRL positivos (infecção recente) e 27,8% tinham coinfecção entre HIV e sífilis. Os pacientes envolvidos foram majoritariamente

heterossexuais e relataram relações com homens cis. Essas informações associadas ao baixo uso de preservativos em todas as relações sexuais são fatores de risco para a incidência de infecções sexualmente transmissíveis em mulheres transgêneros. Tais dados se refletem na alta taxa de prevalência de sífilis encontrada na população estudada, muito superior à da população geral, somando-se ao fato de que todos os testes reagentes ocorreram em mulheres trans.

Conclusão: Os dados obtidos reforçam a necessidade de campanhas educacionais para prevenção da sífilis, além do tratamento e acompanhamento desse recorte populacional, que se mostra mais sujeito aos fatores de risco dessa patologia.

Palavras-chave: Sífilis Transgênero Transexualidade Infecções sexualmente transmissíveis

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103220

PREVALÊNCIA DE SÍFILIS EM GRÁVIDAS ATENDIDAS EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Andrio Silva da Silva[a,*],
Thaís Mayara da Silva Carvalho[b],
Leonardo Gabriel Campelo Pinto de Figueiredo[a],
Adrielly Pinheiro Lira[a],
Maria Eduarda de Sousa Avelino[b],
Simone da Silva Góes[b], Diogo Oliveira de Araújo[a],
Carolline de Jesus Santos dos Santos[a],
Sandra Souza Lima[a],
Luiz Fernando Almeida Machado[a]

[a] *Laboratório de Virologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil;*
[b] *Programa de Pós-graduação em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil*

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível, causada pelo Treponema pallidum e que ainda representa um importante problema de saúde pública, embora seja facilmente diagnosticada e tratada. O presente estudo teve como objetivo descrever a prevalência de sífilis em gestantes da cidade de Belém, Pará, e os fatores de vulnerabilidade para a doença.

Métodos: Foi realizado um estudo transversal, no ano de 2021, com mulheres de 15 a 40 anos que procuraram os serviços públicos de saúde da cidade de Belém para acompanhamento pré-natal. Para o diagnóstico de sífilis foi usado o fluxograma 1 do Ministério da Saúde, onde as amostras foram submetidas ao teste qualitativo do VDRL e a confirmação do diagnóstico realizada por meio do teste treponêmico FTA-abs. Os testes foram executados no LabVir /ICB/UFPA e para a análise estatística foram utilizados o teste exato de Fisher e teste G, com nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Resultados: Participaram da pesquisa 75 mulheres grávidas e a maioria das participantes tinha idade entre 15 e 24 anos (57,4 %; 43/75), eram heterossexuais (96%; 72/75), solteiras (60%; 45/75), com ensino médio (58,6%; 44/75) e com a renda familiar de até um salário-mínimo (92%; 69/75). A prevalência da sífilis foi de 6,7% (5/75) e a maioria dos casos eram de grávidas entre 15 a 24 anos, com renda de um salário e que possuíam apenas o ensino fundamental, o que pode estar correlacionado com a falta de informação sobre as IST, a importância do uso de preservativos e a vulnerabilidade socioeconômica desse grupo.

Conclusão: A prevalência de sífilis foi alta em mulheres grávidas jovens, solteiras, de baixa renda e baixa escolaridade, na cidade de Belém, Pará, demonstrando a importância da realização do pré-natal para a prevenção da ocorrência de sífilis congênita.

Palavras-chave: Sífilis Gestacional Epidemiologia Atenção Primária

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103221

PREVALÊNCIA E RECORRÊNCIA DA DOENÇA DE HAFF E A OMISSÃO DO CONTROLE DOS FATORES DE RISCO

Jeferson Manoel Teixeira[a,*],
Valdete dos Santos de Araújo[b], Carla Souza Calheiros[b],
Ana Beatriz Ferreira Prestes[b],
Andriele dos Santos Pereira[b],
Estrela Cecília Moreira de Holanda Farias[c],
Regina Yanako Moriya[b], Viviany da Cruz Ramos Pinto[d]

[a] *Universidad Abierta Interamericana (UAI), Buenos Aires, Argentina;*
[b] *Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil;*
[c] *Universidade Nilton Lins, Manaus, AM, Brasil;*
[d] *Hospital Instituto da Mulher e Maternidade Dona Lindu, Secretaria de Estado de Saúde (SES-AM), Manaus, AM, Brasil*

Introdução/Objetivos: O hábito de consumir peixes está enraizado na cultura amazonense, sendo uma prática secular e benéfica quando se trata de autoconsumo. O Amazonas (AM) é o estado com maior consumo de pescado no Brasil (BR). A Doença de Haff é caracterizada pelo quadro de rabdomiólise com sintomatologia presente em até 24 horas após o consumo de certos tipos de peixes. Desta forma o objetivo da pesquisa foi caracterizar com dados clínicos e epidemiológicos os casos compatíveis da Doença de Haff que foram notificados no AM e descrever os aspectos físico-químicos e microbiológicos da água onde o ambiente aquático está associado aos casos notificados.

Métodos: Os dados clínicos e epidemiológicos foram registrados na FVS-RCP/AM. As águas foram coletadas em frascos descontaminados entre os anos de 2021 a 2023, em pontos do Rio Amazonas, poços tubulares de abastecimento e residências. As análises físico-químicos da água foram analisadas in loco e as microbiológicas em laboratório. Todas realizadas em duplicata.

Resultados: A pesquisa iniciou-se no ano de 2021, quando o estado decretou calamidade e determinou que certos tipos de pescados não fossem ingeridos. Em relação às análises realizadas entre 2021 e 2022, os resultados de pH, NO2-, NO3-, NH3, Mg, Oxigênio Dissolvido (OD) e E.Coli, estão em desacordo com os parâmetros do Ministério da Saúde do BR. No ano de 2023, não houve presença de coliformes fecais, mas